

Relatório de Gestão – Jul/18

Cenário Macroeconômico

No mês de julho, no âmbito externo, houve uma ligeira reversão no ambiente de aversão a risco que vivenciamos ao longo do 2º trimestre. A taxa de juros dos títulos americanos de 10 anos se estabilizou um pouco abaixo de 3%a.a., o S&P retomou a tendência de alta e o dólar norte-americano ficou praticamente estável em relação às moedas dos principais países desenvolvidos, mas se desvalorizou frente à boa parte das moedas de países emergentes.

O cenário internacional segue apresentando um crescimento moderado nas principais economias mundiais, com destaque nos EUA onde houve expansão de 4,1% no 2º trimestre. As tensões comerciais continuam sendo grande fonte de preocupação, principalmente na relação entre os EUA e a China, mas houve um princípio de entendimento entre os norte-americanos e a União Europeia.

Nos EUA, a inflação ao redor da meta de 2%a.a. e o mercado de trabalho apertado, porém sem grandes pressões salariais, corroboram a estratégia gradualista do FED de normalização da política monetária, onde espera-se mais duas altas de juros em 2018.

Na Zona do Euro o ritmo de atividade segue moderado e a inflação ao redor de 2% permite que o BCE siga com o seu plano de encerrar o QE até o fim do ano.

Na China o yuan seguiu se desvalorizando frente ao dólar pelo 2º mês consecutivo diante da guerra comercial com os EUA e levou o governo a promover novos estímulos a sua economia.

No Brasil os indicadores econômicos divulgados em julho continuaram contaminados pela greve dos caminhoneiros no final de maio. No que diz respeito à inflação, a pressão nos preços de alimentos já começou a ser revertida, enquanto que os itens mais sensíveis à atividade econômica seguem bem comportados. A expectativa é que já em agosto o IPCA fique próximo da estabilidade e em 2018 termine ligeiramente acima de 4%. Em relação à atividade econômica ainda não está claro o efeito líquido da greve. Aparentemente a recuperação segue em ritmo lento com dados de emprego decepcionantes.

No âmbito político o grande destaque em julho foi a aliança costurada pelo Alckmin com o Centrão, que, mais do que acrescentar minutos de TV para a sua campanha, evitou que outro candidato competitivo os conquistasse – leia-se Ciro, Bolsonaro ou Marina. Portanto, o candidato do PSDB passou a ser bem mais competitivo, mas ainda precisará transformar esse apoio político em votos.

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	%JUL/18	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,40	5,50	9,25	43,08
VS. CDI	73,25	147,22	130,62	120,17

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	%JUL/18	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,54	3,86	7,22	34,62
Juros	0,51	3,62	5,41	21,19
Moedas	-0,47	-0,68	-0,74	-2,77
Bolsa	0,00	0,57	0,39	0,91
Ativos externos	0,00	0,00	0,00	-0,26
Custos	-0,19	-1,88	-3,03	-10,60
Total	0,40	5,50	9,25	43,08

início: 31/08/2015

Em julho nós encerramos a posição comprada em dólar contra real e mantivemos as posições compradas em iene e euro contra dólar e a posição vendida em juros futuros na parte intermediária da curva.

O cenário internacional segue complexo. Enquanto as principais economias do mundo continuam crescendo em ritmo moderado e sustentam os preços das *commodities* e o comércio global, o fator Trump tem trazido volatilidade aos mercados. O presidente americano se utiliza de uma estratégia agressiva nas negociações comerciais, e invariavelmente aponta o seu arsenal contra algum país/região onde ele pretende obter melhores condições de tarifas. Em julho ameaçou a União Europeia, mas rapidamente chegou a um acordo, o que trouxe algum alívio aos mercados.

Os principais riscos para o mundo emergente continuam a ser uma alta de juros nos EUA mais rápida do que o que está precificado nos mercados e/ou uma perspectiva de redução do crescimento global em função da redução do comércio internacional provocado pela guerra comercial estimulada pelo Trump.

No Brasil, as eleições estão dominando a dinâmica do mercado. O acordo do Alckmin com o Centrão renovou a esperança de que o candidato visto como em melhores condições de promover as reformas necessárias ao país possa ser competitivo. O grande desafio é transformar o apoio político em votos, principalmente numa eleição que se apresenta diferente das últimas. A revolta e o desalento da população, a crescente importância das mídias sociais e a fragmentação das candidaturas competitivas trazem um nível de imprevisibilidade grande para o pleito.

Diante deste quadro, continuamos com posições estruturais menores e realizando operações mais táticas de curto prazo.

Atenciosamente,
Equipe Rio Gestão de Recursos.